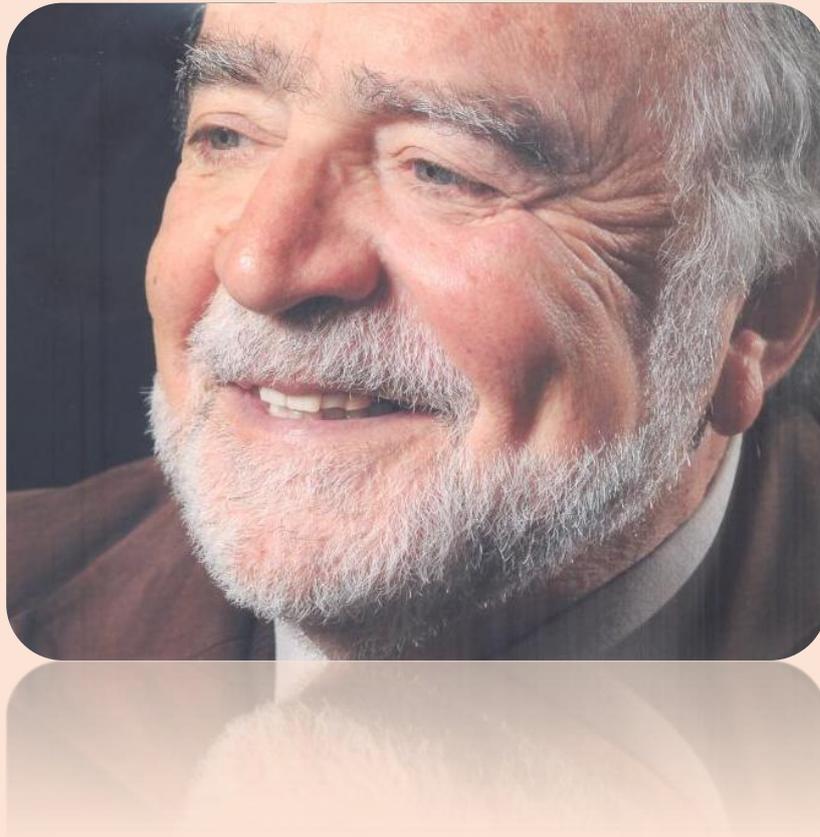


Manuel Alegre de Melo Duarte



Trabalho realizado por:

Edi Ferreira;

Diogo Oliveira;

Norberto Ferreira;

16 de Março de 2018, Albufeira

Biografia

Manuel Alegre de Melo Duarte nasceu em Águeda, em 1936. Formou-se em Direito na Universidade de Coimbra, onde se envolveu ativamente no movimento estudantil. E foi justamente como membro da Comissão da Academia que deu apoio á candidatura de Humberto Delgado à Presidência da República, em 1958.

Foi chamado para o regime militar, em 1961. No ano seguinte, é enviado para Angola, onde foi o líder de uma tentativa de revolta militar. Ficou preso por seis meses e foi na cadeia que conheceu escritores angolanos como Luandino Vieira, Antonio Jacinto e Antonio Cardoso.

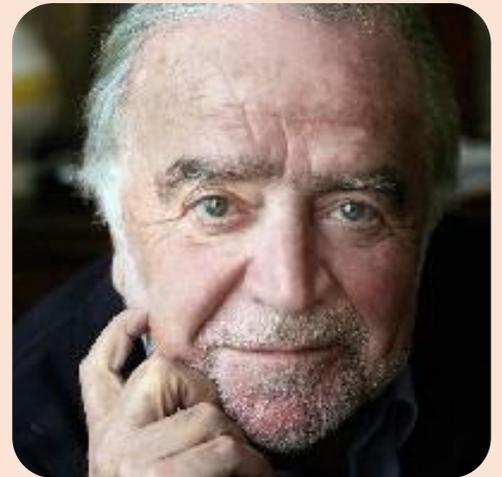
Em 1964, foi para o exílio em Argel, onde foi dirigente da Frente Patriótica de Libertação Nacional. Nessa época, publicou dois livros, “Praça da Canção”, em 1965 e “O Canto e as Armas”, em 1967, ambos foram apreendidos pela censura. Mas os livros foram repassados por cópias clandestinas, manuscritas ou datilografadas.

Muitos de seus poemas foram interpretados por cantores como Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira e foram considerados bandeiras da luta pela liberdade. Voltou para Portugal em 1974, quando se filiou ao Partido Socialista.

Foi responsável por mobilizações populares que permitiram a consolidação da democracia e a aprovação da Constituição de 1976, sendo o redator de seu preâmbulo.

Apesar da vida política, Manuel não abandonou a literatura. O seu trabalho como escritor foi já, por diversas vezes, contemplado: o Prémio de Literatura Infantil António Botto, em 1998, por As Naus de Verde Pinho ; o Prémio da Crítica Literária e o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores, em 1998, por Senhora das Tempestades ; o Prémio Pessoa, patrocinado pelo Expresso, pela Obra Poética , editada em 1999; e o Prémio Fernando Namora, em 1999, por A Terceira Rosa . Foi ainda também eleito sócio correspondente da Classe de Letras da Academia das Ciências, em 2005.

Apesar do seu destaque na literatura, desde o seu retorno a Portugal, dias após o 25 de Abril, participou ativamente na vida política Portuguesa exercendo vários cargos importantes ao longo dos anos.



Representações do contemporâneo

(Luta pela Liberdade)

- Como qualquer outro Poeta, Manuel Alegre centra a sua poesia em torno de alguns conteúdos. Neste caso o poeta aborda dois temas ao longo da sua obra: A luta pela liberdade e a denúncia dos horrores da Guerra Colonial antes e depois do 25 de abril. Desta forma, escolhemos o poema do autor "Nós voltaremos sempre em Maio" para abordarmos a luta pela liberdade.



NÓS VOLTAREMOS SEMPRE EM MAIO



1

Amanhã não estaremos já neste lugar
amanhã a cidade já não terá o teu rosto
e a canção não virá cheia de ti
escrever em cada árvore o teu nome verde.

2

Amanhã outros passarão onde passámos
farão os mesmos gestos dirão as mesmas palavras
dirão um nome baixo um nome loucamente
como quem sobre a morte é por instantes eterno.

3

Amanhã a cidade terá outro rosto.
Nós não estaremos cá. Mas a cidade
já não será contra o amor amanhã quando
os amantes passarem na cidade livre.

4

Nós não estaremos cá. Voltaremos em Maio|
quando a cidade se vestir de namorados
e a liberdade for o rosto da cidade nós
que também fomos jovens e por ela e por eles

5

amámos e lutámos e morremos
nós voltaremos meu amor nós voltaremos sempre
no mês de Maio que é o mês da liberdade
no mês de Maio que é o mês dos namorados.

- Antes de iniciar a interpretação do poema é necessário referir que Manuel Alegre tem como objetivo propagar a sua mensagem pela sociedade, de forma a que o movimento que este apoia (tal como a maioria da população) ganhe força e que tenha mais impacto a nível nacional.
1. Nos primeiros versos o poeta faz alusão ao facto da vida ser algo efémero e por isso os rostos da luta pela liberdade um dia já não estarão cá e as músicas já não serão cantadas por eles.
 2. Na segunda estrofe Manuel Alegre transmite a ideia que apesar dos rostos atuais (daquela época) um dia desaparecerem, alguém virá continuar o seu trabalho.
 3. Na terceira estrofe é reforçada a ideia que os rostos irão desaparecer mas que não devemos esquecer todos os feitos alcançados pelos mesmos, na luta pela liberdade. Neste caso o facto da cidade ser a favor do amor e já a considerarem livre.
 4. Na quarta estrofe , o poeta diz que ainda que não seja de forma física, todos os representantes deste movimento estarão juntos em Maio (1º de Maio- data representativa da liberdade e dos direitos humanos).
 5. A quinta estrofe vem completar a sua ideia, dizendo que em Maio, todos estarão juntos (os que morrem e lutam por este movimento) numa espécie de comemoração por tudo alcançado até ao momento.
 6. Recursos expressivos:
 - V1 , V2 , V5 , V9 – Amanhã – Anáfora
 - V19 , V20 – No mês de maio que é – Anáfora
 - V12 – cidade livre – Ironia
 - V9 – Amanhã a cidade terá outro rosto - Metáfora



(Denúncia dos horrores da Guerra Colonial)

Romance de Pedro soldado

Já lá vai Pedro Soldado
num barco da nossa armada
e leva o nome bordado
num saco cheio de nada.

Triste vai Pedro Soldado.

Branda rola não faz ninho
nas agulhas do pinheiro
nem é Pedro marinheiro
nem no mar é seu caminho.

Nem anda a branca gaiivota
pescando peixes em terra
nem é de Pedro essa rota
dos barcos que vão à guerra

Nem anda Pedro pescando
nem ao mar deitou a rede
no mar não anda lavrando
soldado a mão se despede
do campo que se faz verde
onde não anda ceifando
Pedro no mar navegando.

Onde não anda ceifando
já o campo se faz verde
e em cada hora se perde
cada hora que demora
Pedro no mar navegando.

E já Setembro é chegado
já o Verão vai passando.
Não é Pedro pescador
nem no mar vindimador
nem soldado vindimando
verde vinha vindimada.

Triste vai Pedro Soldado.
E leva o nome bordado
num saco cheio de nada.

2.
Soldado número tal
só a morte é que foi dele.
Jaz morto. Ponto final.
O nome morreu com ele.

3.
Deixou um saco bordado
e era Pedro Soldado.

- Neste poema o autor descreve não só a sua experiência na longa guerra colonial, mas também a de milhões de portugueses que se sacrificaram pela pátria, causando um impacto social tremendo. Manuel Alegre, como forma de fundamentar a sua posição em relação à guerra, faz algumas analogias como, por exemplo,

‘‘ Branda rola não faz ninho
nas agulhas do pinheiro’’ (V.6, 7)

OU

‘‘Nem anda a branca gaivota
pescando peixes em terra
nem é de Pedro essa rota
dos barcos que vão à guerra.’’ (V.10, 11, 12, 13)

Afirmando assim que não é natural ao ser humano a sua ida à guerra, sendo o seu espaço a terra e sua família. Este poema encontra-se dividido em 3 partes, sendo a primeira a vida de Pedro e a sua viagem para a guerra, a segunda representa a sua morte (2) e por fim a terceira, o seu legado(3).

Anáfora - Estrofe 3 e 4 - "Nem" - reforça a ideia de este não ser o rumo natural de Pedro

Aliteração - "Vindimando verde vinha vindimada" - repetição do som "v"

Oxímoro - "Saco cheio de nada"



TRADIÇÃO LITERÁRIA

(cantigas de amigo)

COMO OUVI LINDA CANTAR POR SEU AMIGO JOSÉ

Se sabeis novas do meu amigo
novas dissei-me que vou morrendo
por meu amigo que me levaram
num carro negro de madrugada.

Dizei-me novas do meu amigo
em sua torre tecendo os dias
dai-me palavras pra lhe mandar
com ruas brisa domingos sol.

Se sabeis novas de meu amigo
novas dissei-me que desespero
por meu amigo que longe espera
tecendo os dias tecendo a esperança.

Mando recados não sei se chegam
leva-me ó vento da noite triste
ou diz-me novas de meu amigo
que tece o tempo na torre negra.

Que tece o tempo que tece a esperança.
Já da ternura fiz uma corda
ó vento prende-a na torre negra
que meu amigo por ela desça.

Por essa corda feita de lágrimas
que meu amigo por ela desça
ou mande a esperança que vai tecendo
que desespero sem meu amigo.

- No poema “Como Ouvi Linda Cantar por seu Amigo José” podemos observar que Manuel Alegre utiliza alguns temas característicos da lírica trovadoresca, mas principalmente situações abordadas nas cantigas de amigo. Essas cantigas são a expressão do sentimento feminino. Nesse contexto, a mulher sofre por se ver separada do amigo (que também pode ser o amante ou o namorado) e vive angustiada por não saber se o amigo voltará ou não. Esse sofrimento é, em geral, denunciado a um amigo que serve de confidente, sendo as demais personagens que compartilham o sofrimento da mulher a mãe, o amigo ou mesmo um elemento da natureza que aparece personificado.
- Em “Como Ouvi Linda Cantar por seu Amigo José” é nos explicitado o motivo da ausência e as razões de não ser possível estabelecer contacto com o amigo. Este foi levado pelo da PIDE “num carro negro de madrugada”, encontra-se “em sua torre tecendo os dias”, uma “torre negra”. A donzela desespera por não saber se os recados que manda são entregues e por a única resposta ser o silêncio. Daí o seu pedido insistente ao vento de que leve uma corda, que ela teceu com “ternura” e “lágrimas”, para que o amigo possa fugir ou, pelo menos, consolá-la e enviar-lhe a esperança que ela perdeu.
- Deste modo, Manuel Alegre, pelo menos neste poema, utiliza a cantiga amigo para adaptá-la à realidade que ele próprio conheceu de perto, intervindo para denunciar e expor as atrocidades perpetradas por uma ditadura desumana.

- Recursos expressivos:

V18 - Já da ternura fiz uma corda - **metáfora**

V19 - ó vento prende-a na torre negra - **personificação**

V21 - Por essa corda feita de lágrimas - **metáfora**

(Camões)

E Alegre se Fez Triste

Aquela clara madrugada que
viu lágrimas correrem no teu rosto
e alegre se fez triste como se
chovesse de repente em pleno agosto.

Ela só viu meus dedos nos teus dedos
meu nome no teu nome. E demorados
viu nossos olhos juntos nos segredos
que em silêncio dissemos separados.

A clara madrugada em que parti.
Só ela viu teu rosto olhando a estrada
por onde um automóvel se afastava.

E viu que a pátria estava toda em ti.
E ouviu dizer-me adeus: essa palavra
que fez tão triste a clara madrugada.

- E alegre se fez triste é um dos poemas mais ricos (a nível de conteúdo) e apresenta uma grande diversidade de temáticas, visto que encontramos neste poema a sua tradição literária, a sua linguagem, estilo e estrutura como também encontramos as figurações poéticas.
- No início do poema é abordada uma despedida que abala bastante o sujeito poético. Concluimos assim que existe bastante proximidade entre o sujeito poético e a personagem que abandona o país. É através da primeira estrofe que encontramos a primeira temática: a tradição literária. Este poema mostra-nos que Manuel Alegre se inspirava em Camões. Analisando este poema e "aquela triste e lida madrugada" de camões as parecências são muitas. Os textos são tão próximos que acreditamos que o poema de Manuel Alegre se trata de um diálogo com o poema de Camões. Tal como em "e alegre se fez triste" o poema de Camões retrata uma despedida, numa madrugada e num tom triste e melancólico. Nos versos seguintes de "E alegre se fez triste" a proximidade entre as personagens torna-se mais evidente (2ª estrofe).

Na última estrofe, com o verso " e viu que a pátria estava toda em ti", o poeta considera que a decisão de abandonar o país é não só um desejo de muitos outros mas como também um reflexo das más condições do país, visto que era necessário emigrar. Deste modo encontramos outra temática: Figurações do poeta.

É através do verso acima mencionado que interpretamos que o poeta apesar de abordar uma despedida não deixa de tentar alertar a sociedade para as dificuldades que Portugal vivia e tenta sensibilizar a população através da despedida bastante emotiva e pelo facto de ser necessário abandonar o país para sobreviver.

Recursos Expressivos:

V12 , V13 – E – Anáfora

V3 – E alegre se fez triste – Antítese

V4 – Como se chovesse de repente em pleno agosto - Antítese

Musicalidade

Trova do Vento que Passa

Pergunto ao vento que passa
notícias do meu país
e o vento cala a desgraça
o vento nada me diz. |

Pergunto aos rios que levam
tanto sonho à flor das águas
e os rios não me sossegam
levam sonhos deixam mágoas.

Levam sonhos deixam mágoas
ai rios do meu país
minha pátria à flor das águas
para onde vais? Ninguém diz.

...



- Encontrámos, nos poemas de Manuel Alegre, um aspeto muito característico, a musicalidade, isto é, a fácil adaptação de seus poemas para a música. Esta musicalidade é propositada e evidente, justificada pela sua oposição e atitude de resistência ao Estado Novo e a censura e opressão nele compreendido, com a intenção de fazer os seus poemas serem ouvidos pelo povo. O seu livro de poesia mais reconhecido "Praça da canção" foi apreendido pela PIDE mas recebeu diversas edições, algumas feitas ilegalmente e usadas por cantores como Manuel Freire e a fadista Amália Rodrigues pelas emocionantes trovas do autor, como a "Trova do vento que passa".

Webgrafia

Manuel Alegre-https://www.pensador.com/autor/manuel_alegre/biografia/, (2015-2018)

Como ouvi linda cantar por seu amigo José-<https://www.escritas.org/pt/t/2478/como-ouvi-linda-cantar-por-seu-amigo-jose>, (sem data)

Trova do vento que passa-<http://users.isr.ist.utl.pt/~cfb/VdS/v008.txt>, (sem data)

manuel alegre / e alegre se fez triste-<https://canaldepoesia.blogspot.pt/2014/04/manuel-alegre-e-alegre-se-fez-triste.html>, (07 abril 2014)

Poesia contra a guerra-<http://poesiacontraaguerra.blogspot.pt/2007/02/romance-de-pedro-soldado.html>, (03 FEVEREIRO 2007)

Manuel Alegre (Nós voltaremos sempre)-
<http://ruadaspretas.blogspot.pt/2010/04/manuel-alegre-nos-voltaremos-sempre.html>,
(1.4.10)

Bibliografia

Livro “Praça da canção”

